

SIMBOLIZAR: UMA AVENTURA AMOROSA

Denise Vieira Lee

Hélio Bais Martins

Maria Cristina de O. Rahal

Maria Valéria de Andrade Garcia

Mônica Musatti Cytrynowicz

Vera Lucia Martins do Valle

Psicanalistas,
com formação
em Psicanálise
pelo Instituto
Sedes
Sapientiae

Psiquê, que em grego significa alma, foi uma princesa cuja beleza era tanta que a deusa Afrodite sentiu-se tomada de ciúmes por ela. Por esse motivo, ordenou que o filho Eros, deus do amor, servisse de instrumento para punir tamanho atrevimento por parte daquela mortal. Quase que ao mesmo tempo, o oráculo ordenou ao pai de Psiquê, diante de ameaças assustadoras, que conduzisse a filha para junto de um rochedo, onde um monstro horrível a tomaria como esposa. Eros porém, ao ver Psiquê com sua beleza perturbadora, se enamorou perdidamente dela, e descuidando-se com suas flechas, feriu-se com uma delas. As flechas de Eros eram usadas com o propósito de fazer com que as pessoas por elas atingidas se apaixonassem subitamente, não escapando de seu veneno nem mesmo os deuses imortais. E assim Eros se apaixonou pela moça a quem deveria destruir por ordem da mãe.

Enquanto isso, Psiquê, entre assustada e resignada, esperava no rochedo solitária, para o cumprimento da profecia do oráculo, quando começou a ser transportada por um vento brando que a levou até um majestoso palácio. Quando escureceu, Psiquê sentiu sono e estava quase adormecida, quando um ser misterioso foi ter com ela, dizendo-lhe que era seu marido a quem ela fora destinada. Psiquê não conseguiu ver-lhe as feições, mas sua

(Sharman
Burke, J. &
Greene, L.
O Tarô
Mitológico)

voz era macia e sentiu que o marido lhe falava com muita ternura. O casamento foi celebrado. Porém, todos os dias antes do amanhecer, o visitante misterioso desaparecia, fazendo Psiquê prometer que jamais tentaria ver-lhe o rosto.

Durante algum tempo, Psiquê viveu feliz daquela maneira. Nada lhe faltava, exceto a presença constante do amado marido, que só chegava para visita-la à noite. E sua felicidade teria continuado assim por muito tempo, não fosse pelas duas irmãs, que sempre a invejaram, e começaram a lançar suspeitas em seu coração, sugerindo-lhe que o marido deveria ser um horrendo monstro para esconder-se daquela maneira. Tanto a incomodaram com suas dúvidas que certa noite, a despeito da promessa que fizera ao marido, levantou-se da cama pé ante pé, acendeu uma lâmpada de óleo para ver com quem compartilhava o leito. Ao invés do monstro, Psiquê viu ao seu lado o homem mais bonito do mundo, Eros. Chocada com tanta beleza, Psiquê sem querer espetou-se numa das flechas de Eros, jogadas aos pés da cama e na confusão, deixou cair-lhe na face um pingo de óleo fervente. Psiquê apaixonou-se pelo jovem deus, a quem já tinha aceito porque sabia que ele a amava. Mas ao despertar com a dor da queimadura, Eros recriminou-a por sua desobediência e ingratidão, pois a avisara muitas vezes para que não tentasse saber quem ele era. Enfurecido voou para longe, deixando-a inconsolável.

No mesmo instante, o palácio desapareceu e Psiquê se viu novamente presa no rochedo no cimo do monte, assustada e sozinha. Primeiro pensou em suicídio e atirou-se num rio que passava por perto, contudo, as águas gentis conduziram-na suavemente até a outra margem. Dali em diante, Psiquê saiu errante pelo mundo, em busca do amor que perdera, sempre perseguida pela raiva de Afrodite, que submeteu à jovem uma série de terríveis castigos. Psiquê conseguiu cumprir todas as tarefas graças à ajuda das criaturas da natureza, como as formigas, os pássaros e os caniços das águas. Uma das suas tarefas obrigou-a a descer até o inferno, onde não era permitida a entrada de nenhum mortal.

Por fim, emocionado pelo arrependimento da esposa, a quem nunca deixara de amar realmente, Eros foi até Zeus e suplicou permissão para desposá-la. Zeus não só lhe deu permissão, como ordenou a Afrodite que esquecesse o rancor e concedeu à bela moça a imortalidade. E então, o segundo casamento dos dois jovens foi celebrado no Olimpo, para alegria de todos os deuses."

No presente artigo trataremos a questão do símbolo através da leitura do mito grego “Eros e Psiquê”.

Esse mito conta a história de uma relação passional povoada de afetos muito intensos - ódio e amor - que nos remete a uma idéia de símbolo como “algo” que se caracteriza por um forte investimento afetivo, e que é capaz de articular, vincular e colocar o ser humano em relação com o mundo e seus objetos. O símbolo, etimologicamente, é um sinal de reconhecimento entre os iniciados religiosos. A palavra significa “atirado com” e designava materialmente um objeto qualquer, quebrado, do qual os iniciados conservavam um pedaço. O ajustamento exato dos pedaços testemunhava a existência de um elo entre os membros da reunião atual e os membros da reunião passada, em que o objeto fôra partido.

Esta etimologia ajuda-nos a compreender o quanto a noção de símbolo é complexa: por um lado, é um objeto material que representa alguma coisa e que representa a alguém suscetível de lhe compreender o sentido. Por outro lado, no entanto, o objeto “símbolo” em si mesmo não significa nada, mas vai buscar seu sentido na fratura que sofreu e no afeto vivido, para o qual se remete.

Pensarmos psicanaliticamente a questão simbólica nos remete a uma grande contribuição de Klein, ao salientar que a formação de símbolos seria uma realização basicamente humana. É esse processo de simbolizar que sustenta uma questão altamente complexa: a transposição de um organismo biológico, num mundo de gratificações físicas, para uma outra dimensão, para o mundo simbólico das relações humanas. Klein tornou suficientemente claro que o simbolismo desempenha um papel muito importante ao fornecer a ponte libidinal sobre a qual o ego pode construir suas relações de familiaridade e estranhamento com o mundo material.

Os textos de Klein nos remetem à contribuição dada por Ferenczi à teoria do símbolo: “Nós só podemos considerar como símbolos, no sentido psicanalítico do termo, as representações que chegam à consciência com um investimento afetivo, que a lógica nem explica nem justifica. Representações que deram uma sobrecarga afetiva a uma identificação afetiva”¹.

Esta definição ilustra o estilo interpretativo de Klein e é através dela que nos orientamos na leitura do mito. Ou seja, ao lermos a aventura amorosa de Eros e Psiquê procuraremos interpretar aquilo que brilha, que ressalta, que está em excesso, e, portanto, rompe,

1. Ferenczi, Sándor.
“Ontogênese do
Símbolo” in: Obras
Completas, Vol. II.

2. Rezende, Antonio
Munis. Bion e o
Futuro da
Psicanálise.

3. Moncrieff, A.
R. Hope.
Mitologia
Clássica - Guia
Ilustrado.

4. Brandão, Junito
de Souza.
Mitologia Grega,
vol. 3.

5. Deleuze, Gilles.
A Lógica do
Sentido.

fratura, identifica.

Dentro da perspectiva kleiniana simbolizar é estabelecer vínculos afetivos. Citando Rezende: "O que simboliza, o que articula é o amor [ódio] e seus afetos. E é em virtude disso que as outras articulações semânticas se tornam possíveis. Há sentido nas paixões em ação. Nós simbolizamos primeiro juntando pessoas, antes de juntarmos palavras, só articulamos palavras porque somos capazes de articular pessoas."²

A Rival de Afrodite - Arriscando interpretar o mito

*"... Afrodite, ciumenta, ao ver-se desprezada a favor de uma tal rival, manda chamar o filho para que a vingue com suas setas maliciosas: inflama de amor o coração dela, mas que o amor mais intenso seja pelo mais miserável patife do mundo, de maneira que, os dois juntos, venham a ficar pobres e infelizes."*³

Existe, neste início, uma relação de objeto parcial. Psiquê, um ego, é mobilizado a formar símbolos pela ansiedade gerada nesta relação dual. Afrodite, deusa mãe, através da projeção, aparece como um objeto ciumento, mal construído pelo desespero deste ego. Eros é neste momento pura expressão da pulsão de morte defletida e depois projetada pela própria Psiquê em direção a Afrodite.

*"A deusa chamou a seu filho Eros, Menino alado e de maus costumes, corruptor da moral pública e provocador de escândalos"*⁴.

Temos, então, neste início, tal como descreve Klein, uma forte ação tanática (Eros), originando este objeto perseguidor e parcial: Afrodite.

Gerado pela deflexão da pulsão de morte, pelo desejo de destruir, Afrodite acaba por tornar-se má, criando horror e angústia.

As Núpcias da Morte

*"No início tudo é abismo. Tudo é paixão e ação"*⁵

Submetida ao conflito amor-ódio, angustiada pela ação de sua própria agressão, Psiquê procura a morte:

"... Chegados ao topo da montanha, apagam os archotes e,

com despedidas cheias de lágrimas, deixaram a donzela sozinha no silêncio da noite, como se tivesse sido levada para a sepultura. Depois de todos terem ido embora, Psiquê ficou a tremer no frio da escuridão, cheia de medo. Mas logo apareceu o gentil Zéfiro, que docemente a aconchegou e a levou para deitar numa cama de flores perfumadas...

Encontramo-nos em uma nova situação. Psiquê, salva da morte pelo “gentil Zéfiro”, é levada ao palácio de Eros e vive ali o seu estranho casamento:

“Querida Psiquê, sou o marido escolhido para ti pelo destino. Não me perguntes o nome, não tentes ver o meu rosto, acredita apenas no meu amor, e tudo correrá bem conosco”.⁶

Esta situação, “as núpcias da morte”, é representativa de um estado psíquico cuja dinâmica corresponde à posição esquizo-paranoide.

“Com a posição esquizóide, tudo é agressividade, exercida ou sofrida nos mecanismos de introjeção e projeção. Tudo é paixão e ação na relação tensa das partes despedaçadas e do corpo sem órgãos; [espaço receptor de todas as projeções], tudo é comunicação dos corpos, em profundidade, ataque e defesa.”⁷

O encontro de Psiquê e Eros se dá na escuridão. A visão está proibida. Há um estado de apaixonamento cego, um encontro que não pode penetrar na consciência. Há um encontro de partes que se fragmentam entre o dia e a noite. As relações são essencialmente parciais. Uma tensão contínua sem que possa entrar no dia, sem um excitar-se e apaziguar-se em continuidade com o tempo. Não há tempo. Só instantes.

As Irmãs Invejosas

*“Psiquê rejubilava com o amor daquele marido que só à noite vinha ter com ela, mas eram longos os dias que tinha de passar sozinha. Psiquê depressa se cansa de sua vida de conforto e luxo e começa a sofrer com a solidão. Eros concede-lhe uma visita das duas irmãs, mas previne-a de que elas trarão infelicidade, e fá-la prometer que nada lhes dirá acerca dele. As irmãs lhe suscitavam a curiosidade...”*⁸

Através das irmãs, que trazem inveja e curiosidade, Psiquê é levada a uma ruptura. Há o que ser visto. Existe dúvida e esta a mobiliza.

6. Moncrieff, A. R. Hope. Op. cit.

7. Deleuze, Gilles. Op. cit.

8. Moncrieff, A. R. Hope. Op. cit.

9. Moncrieff, A. R.
Hope. Op. cit.

O aparecimento das irmãs introduz a primeira perturbação nesse “paraíso de prazeres”. Deste modo estas figuras representam projeções reprimidas da própria Psiquê, cuja erupção provoca o conflito da ambivalência, da dúvida. Ao mesmo tempo, no mesmo corpo, ela odeia o monstro e ama o marido.

A Visão

Tentada pelas irmãs invejosas, Psiquê deixa-se dominar pela curiosidade acrescentada ao medo e decide ver Eros:

“Quase lhe saiu um grito da boca quando a luz da candeia lhe mostrou o mais encantador dos monstros”.

Diante deste quadro, Psiquê derruba a faca que empunhava, fere a mão nas setas das flechas de Eros e o fere com o óleo fervente da candeia.

Psiquê tem no claro-escuro provocado pela luz da candeia uma visão: Eros-vida no auge de sua beleza juvenil pode ser vislumbrado. E, em seguida, nova experiência sucede a visão: os dois saem feridos, marcados em seus corpos pela experiência vital apenas vislumbrada, apenas sentida como possível, ainda na vertigem do lusco-fusco e na rapidez da ação que fere.

No entanto, Psiquê, que pôde ver e ferir, tem agora certeza de sua fascinação amorosa. O que pôde ver Psiquê? O que pode significar para esta psique esta visão?

Podemos pensar este momento mitológico como aquele em que há um arrefecimento dos impulsos destrutivos, ou mais precisamente, a inveja vivida em intensidade por Psiquê (e pela psique) cede terreno, ainda que por um instante, a uma experiência amorosa. Eros pode ser vislumbrado nestes instantes como Amor. Pode ser visto, porém, não conhecido.

Neste momento, só o vislumbre foi possível. Existe um jogo onde dois Eros em ação na psique provocam e são vividos como vislumbre: um é a própria pulsão de vida, o outro a própria encarnação do objeto bom, pressentidos por Psiquê desde sempre e agora num átimo visto e amado como outro.

Eros já não é mais alguém que habita a escuridão da posição esquizo-paranóide. A luz estonteante desta posição (a luz da idealização) cede terreno, pois à luz titubante da candeia uma experiência amorosa pode ser vivida.

Temos então a inscrição da posição depressiva no mundo de ação abismal da esquizo-paranóide. Psiquê vislumbra Eros e o deseja profundamente.

Eros, como objeto bom, inscreve-se na psique como um objeto perdido, dupla frustração para psique. Primeiro porque é um outro e Psiquê passará por seu momento narcísico; depois, porque para aparecer como objeto bom a ser amado ele deve mudar de natureza, deve sair do alvo da paixão de Psiquê para, a partir da frustração, poder transformar-se em objeto de dor e amor. Será um longo trabalho para esta psique amorosa.

Psiquê, no exato momento em que vê o seu amor, o perde: “Agora teremos que nos separar para sempre”¹⁰. Ihe dirá cruelmente Eros.

Decisivo momento: todos os elementos da épica kleiniana estão presentes. O amor, o ódio, o objeto bom e as posições que se comunicam.

No entanto, antes de prosseguirmos rumo ao desfecho épico, há um aspecto que o mito ressalta e que propicia o nosso trabalho interpretativo: o que Psiquê vê é um corpo, um belo corpo, aliás, e é este belo corpo, bela forma, visto num movimento de “desinveja” que a tira do mundo passional do parcial. O belo corpo foi vislumbrado como objeto completo, um corpo inteiro e não mais fragmentado pela escuridão psicótica esquizo-paranóide.

Tra chiaro e oscuro c'è un velo sottile.

Tra buio e notte il velo si assottiglia.

Tra notte e nulla il velo 'è quase impalpabile.

*La nostra mente fa corporeo anche il nulla.*¹¹

Psiquê corre o risco de ainda sucumbir ao mundo terrorífico, de precipitar-se no nada da morte. No entanto, ferida no corpo e ferindo um outro fez destes corpos uma possibilidade de vida mental. O poeta nos diz que a nossa mente faz corpóreo até o nada. Nós podemos dizer: através do corpo a nossa mente faz-se.

Para usar M. Klein, podemos lembrar que esta faz do corpo da mãe a base para as primeiras emoções simbolizadas, ou seja, para as primeiras relações objetais. É através do corpo da mãe, enquanto massa plástica da simbolização e também do próprio corpo, enquanto equiparado ao da mãe, que o jogo do simbólico será jogado.

Psiquê carrega na carne ferida a inscrição simbólica do objeto bom. O objeto bom (Eros) ferido pelo sadismo tem inscrita no corpo a agressão da descoberta de Psiquê.

10 Moncrieff, A. R.
Hope. Op. Cit.

11 Entre o claro e o escuro existe um véu sutil / Entre a escuridão e a noite o véu se atenua / Entre a noite e o nada o véu é quase impalpável / A nossa mente torna corpóreo até o nada.

Penitência e perdão

Onde não havia lugar para privação, onde não havia a possibilidade da situação frustrante, onde tudo era paixão e ação, agora já não o é.

*“Com súplicas e lágrimas, ela deixou-se cair na frente dele para lhe abraçar os joelhos; mas ele abriu as asas e voou para o ar sem um olhar de perdão [olhar perdido]. No mesmo momento o palácio encantado desapareceu como num sonho, e Psiquê ficou sozinha na fria escuridão, chamando em vão pelo amor que perdera, com as últimas palavras dele ressoando-lhe no ouvido”.**

* (Tradução livre do original italiano).

Psiquê, nos parece, sente finalmente Eros como alguém (um objeto), afinal de contas bom. “O sentimento de dano causado pela inveja [olhar de perdão perdido], a grande ansiedade que disso se origina e a incerteza resultante junto à bondade do objeto tem o efeito de aumentar a voracidade e os impulsos destrutivos.” (1)

Este é o cenário: Eros também reconhecido como bom. Eros perdido e ferido de morte, Psiquê angustiada.

“O primeiro pensamento de Psiquê quando se viu longe do cenário de sua felicidade foi morrer de desespero. Chegando à margem de um rio, atirou-se...”

O que salva Psiquê? - *“Psiquê andou sozinha pelo mundo procurando em vão o seu amor desaparecido”* (Olhar perdido de Eros).

O processo de “salvação” de Psiquê passará exatamente pelo trajeto de aceitar a privação e a enorme dor resultante da perda da felicidade. É o trabalho de aceitação do que foi perdido e de construção de um outro como um possível trabalho de luto.

No entanto, trata-se de uma busca profundamente sofrida, marcada pelas punições impostas por Afrodite, e pela ausência de Eros ferido.

“Até que enfim!, cumprimentou a deusa com uma gargalhada. Até que enfim vens cumprimentar a tua sogra! Ou virás visitar esse teu marido que está doente por o teres ferido? Já tive trabalho demais para te apanhar; mas agora não te vais embora sem aprenderes o que significa ser rival de Afrodite.”

Afrodite retorna ao cenário. Esta mãe-má, que retém (em sua casa) Eros ferido, cobra as agressões sofridas. Psiquê é entregue a um ciclo de provações e sofrimento. Afrodite impõe à Psiquê quatro trabalhos. Todos representativos de uma exigência de reparação, to-

dos aceitos em nome de uma culpa reconhecida.

Psiquê enfrenta seus trabalhos com muita dor, mas também movida por uma grande esperança. Esta, advinda do processo de trabalho da posição depressiva, trabalho de luz, trabalho de trevas.

“Quando o bebê alcança a posição depressiva e torna-se mais capaz de enfrentar sua realidade psíquica, sente também que a “maldade” do objeto é devida em grande parte à sua própria agressividade e à projeção decorrente.

Esse insight, como podemos ver na situação transferencial, dá origem a uma grande dor psíquica e à culpa, quando a posição depressiva está em seu ápice. Entretanto, o insight também acarreta sensações de alívio e esperança, as quais por sua vez tornam menos difícil reunir os dois aspectos do objeto e do self e elaborar a posição depressiva. Essa esperança baseia-se no crescente conhecimento inconsciente de que o objeto, interno e externo, não é tão mau quanto parecia nos seus aspectos escindidos. Através da mitigação do ódio pelo amor, o objeto melhora na mente do bebê. Não é mais tão intensamente sentido como tendo sido destruído no passado, e diminui o perigo de que seja destruído no futuro; não havendo sido danificado, é também sentido como menos vulnerável no presente e no futuro. O objeto interno ganha uma função de comediante e de auto-preservação e o aumento de sua força é um aspecto importante de sua função de superego.”¹²

Psiquê consegue então realizar todas as suas tarefas (trabalho de elaboração): “*És então uma bruxa ou uma feiticeira poderosa para terminar com tanta habilidade tarefas tão perigosas?* pergunta-lhe Afrodite.

Psiquê já pode aspirar por perdão: “*Vens então pedir indulgência da minha parte?* exclama-lhe Zeus... e Zeus não só aceita o casamento de Eros com Psiquê, como também ordena que Afrodite apazigüe a sua ira e perdoe a sua nora.”¹³

Afrodite “Deusa-mãe-mã” já pode compor-se com Zeus e juntos, tornar possível o perdão. Zeus-Afrodite representam este objeto-mãe agora integrado, completo e capaz de bondade.

Está aberta a via para que, agora, Psiquê conheça eroticamente Eros. Não aquele objeto excitante e perdido, mas um outro agora apaziguante e tristemente possível.

12. Klein, Melanie.
Inveja e Gratidão.

13. Moncrieff, A. R.
Hope. OP. cit.

Psiquê pode reconhecer Eros como um outro e reconhecer a si como um eu capaz de amar.

“Um dos principais derivados da capacidade de amar é o sentimento de gratidão. A gratidão é essencial à construção da relação com o objeto bom; é também o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo.”

*“Conta a lenda que dormia
Uma princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado
Vencer o mau e o bem,
antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o destino -
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,
A cabeça em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A princesa que dormia.”¹⁴*

14. Pessoa, Fernando,
“Eros e Psiquê”.

Referências bibliográficas:

BARANGER, W. Posição e Objeto na Obra de M. Klein.
Porto Alegre, Editora Artes Médicas.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*, 3 vols.. Petrópolis, Vozes.

DELEUZE, G. A. *A Lógica do Sentido*. São Paulo, Perspectiva,
1974

FERENCZI, S. "A Ontogênese do Símbolo", in: *Obras Completas*, Vol. II. São Paulo, Martins Fontes.

HINSHELWOOD, R. D. *O Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

MONCRIEFF, A. R. H. *Mitologia Clássica - Guia Ilustrado*.
Lisboa, Estampa, 1992.

MONTALE, E. *Poesie Scelte*. Milano, Oscar Mondadore -
Milano, 1987.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1974.

REZENDE, A. M. *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Campinas,
Papirus.

SEGAL, H. *Introdução à Obra de M. Klein*. Rio de Janeiro,
Imago.

——— *A Obra de Hanna Segal*. Rio de Janeiro, Imago,
1982.

SHARMAN, J. e GREENE. L. *O Tarô Mitológico*. São Paulo,
Siciliano, 1988.